

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

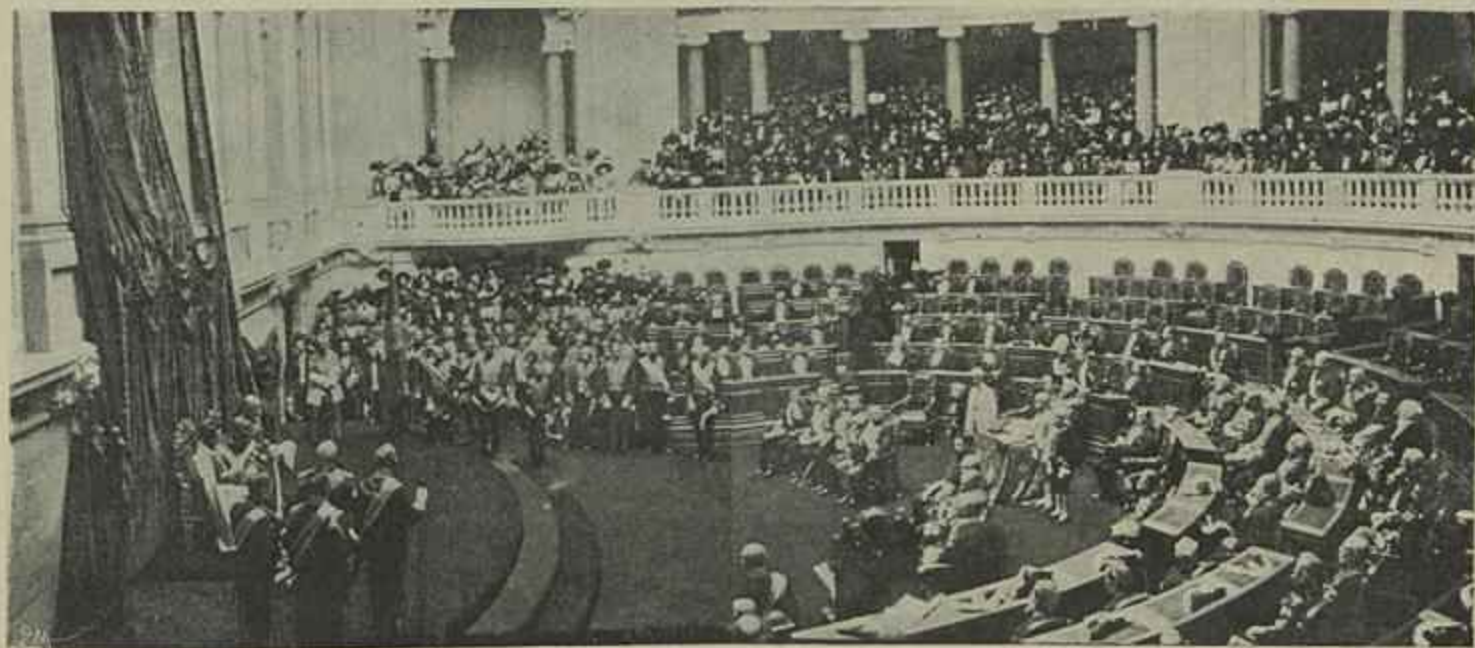
Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

10 de Abril de 1910

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 7

N.º 1126

O Juramento de S. A. O Príncipe Real D. Affonso



S. M. EL REI D. MANUEL PRESIDINDO Á SESSÃO SOLEMNE DAS CÔRTEZ
PARA O JURAMENTO DE S. A. O PRINCIPE REAL D. AFFONSO COMO HERDEIRO PRESUNTIVO DO TRÔNO
(Fotografia Benottel)

CHRONICA OCCIDENTAL

Um pouco de optimismo de vez em quando não deixa de saber bem, ainda mesmo aos pessimistas os mais cabeçudos.

Porque não hade a gente confessar que a corrente da opinião publica em favor da propaganda artistica se tem por cá avolumado bastante, ainda que muito longe ande do grau que é necessario attingir?

Alexandre Herculano, de quem agora tanto se fala, e de quem tão pouco se lê, foi, como já alguém disse, o Pedro-Eremita d'esta cruzada, mas a sua voz potente, que elle fez soltar ha mais de meio seculo, na tuba de bronze da sua prosa enérgica, nem sempre eccoou favoravelmente, antes em muitos casos se perdeu, como se fôsse solta na amplidão do deserto. Em diversas partes do reino têm-se creado museus, ainda assim mais de character archeologico que de character artistico, e muitos individuos trabalham, já por iniciativa propria, já por iniciativa de benemeritas collectividades, em descobrir, colleccionar e descrever os objectos e monumentos, que pelo seu character tradicional e artistico se tornam mais dignos de ser observados e conservados.

E' sabido tambem que por sua parte os poderes publicos têm contribuido para este movimento, patrocinando a restauração de alguns edificios monumentaes, como as Séz de Coimbra e de Lisboa, creando o Museu Ethnologico e remodelando em largas bases o Conselho Superior dos Monumentos.

Pena é que as estações officiaes não obe-



S. A. O PRINCIPE REAL D. AFFONSO SAHINDO DA SÉ

deçam a um espirito de sequencia. Não se orientam por um rumo determinado, não obedecem a um plano fundamental, e por isso caem em contradições deploraveis e flagrantissimas, como ha tempo succedeu com o convento das Carmelitas em Aveiro, cuja destruição parcial foi decretada, não obstante o parecer contrario do Conselho dos Monumentos. Vandalismos como estes não são raros, são frequentes, ficando desattendidos os protestos d'aquelles que se insurgem contra taes desacatos.

Com que mágua não vemos nós tambem o desamor de certas corporações, sobretudo as religiosas, em se desfazerem das suas alfaias, a titulo de que são velhas, inúteis e improprias para o esplendor do culto! Assim será, mas o que é certo é que essas velharias, postas em praça, atraem os licitantes e alcançam valiosos preços, como succedeu com os antiquissimos tapetes das egrejas de S. Domingos, da Ameixoeira e da Misericordia do Porto, vendidos a estrangeiros por maior desgraça nossa.

Claro é que não devemos levar o nosso amor pelas antigualhas ao fanatico excesso de querer conservar tudo o que é velho só porque é velho. A tal ponto não deverá ir o nosso capricho e teimosia de conservadores. O progresso não é irreconciliavel com o bello, antes se presa de venerar o que é digno de respeito na tradição e na historia. O camartello da civilisação não é manejado pelas mãos de um doído ou de um iconoclasta. Os mais grandiosos e utilitarios melhoramentos materiaes pôdem realizar-se sem prejudicar o existente.

A questão, para que tudo se harmonise, é haver alguém de fino gosto e de cultiva-

da intelligencia, que saiba encontrar a conciliadora linha transitoria.

Hoje em dia, a linha recta predomina na construcção das grandes cidades, na directriz das avenidas, sacrificando-se para este effecto alguns padrões gloriosos, que tão expressivamente representavam o fino gosto artistico dos nossos avós. Despreza-se assim o exemplo da natureza, que tanto se namora e nos namora com a graça impercível das suas formas sinuosas, curvilíneas.

Bouvard e Pecuchet, os heroes creados na mente de Flaubert, depois de terem estudado innumeras sciencias, chegam á arte e logo se vêem seriamente atrapalhados para saber que cousa é o bello? São tantas e tão diversas as opiniões dos auctores consultados, que o pobre Bouvard, não sabendo mais que pensar, chega finalmente a esta desesperada sentença:

— «O bello é o bello!»

A esthetica é a sciencia do bello, mas se este não se define, tal sciencia é necessariamente nebulosa e controversa.

Classificam-se as bellas artes em dois grupos: no primeiro as artes plasticas, isto é, a architectura, a esculptura e a pintura; no segundo a poesia, a musica e a dança. E de facto são os olhos e ouvidos as grandes arterias, pelas quaes penetram no espirito as impressões estheticas. Compreende-se que os cegos possam imaginar as cores e os surdos os sons, mas confusamente. Conta-se que o grande poeta Castilho chorára ao ouvir admirar um lindo horizonte: é que elle via no intimo da alma quanto era bella a paisagem que a cegueira dos olhos lhe vendava. Beethoven continuou, depois de ensurdecer, a escrever musicas, mas eram produções intelligíveis e incompletas.

Tambem o paladar, o olfacto e o tacto têm reclamado, pela voz de alguns filosofos, as honras de sentidos estheticos. E não se dirá que a arte de cozinhar não é uma bella arte... para os gastronomos!

A commoção esthetica apodera-se do homem moral quando pratica o bem, e o homem de sciencia não deixa de se entusiasmar na presença d'uma descoberta ou da resolução d'um problema. «Se trabalhamos, disse o sabio Poincaré, é menos para obter resultados positivos do que para sentir a mesma emoção esthetica que o artista sente.»

Nem os animaes escapam á generalisação do sentimento do bello. Darwin o affirma. São notaveis as faculdades estheticas das aves, que não se revelam somente pela atracção dos dois sexos. Umam mostram talento de improvisadoras e de imitação nos seus canticos, outras entretêm-se em compassadas dansas, e ainda outras, como os chlamydeos da Australia, são architectos, fazendo os seus ninhos em forma de abobada, que depois enfeitam com pennas formosissimas.

O Conde de Tolstoi, depois de criticar as varias definições de arte, diz que esta é um laço de communhão entre os homens que se unem pelos mesmos sentimentos, explicando que ella actua como a palavra que transmite o pensamento.

Sem uma caracteristica e ininterrupta tradição nas chamadas artes nobres, a arte portugueza que só soube, ou antes pode ser, accentuadamente nacional nas suas manifestações populares ou regionaes, tenta presentemente um grande esforço: o de, atravez o que ha de profundamente tipico na sua evolução, se nacionalisar completamente. Todos os esforços dos eruditos têm sido empregados nesse sentido. As pesquisas dos archeologos e a publicidade dos vulgarisadores tendem todas a identico fim.

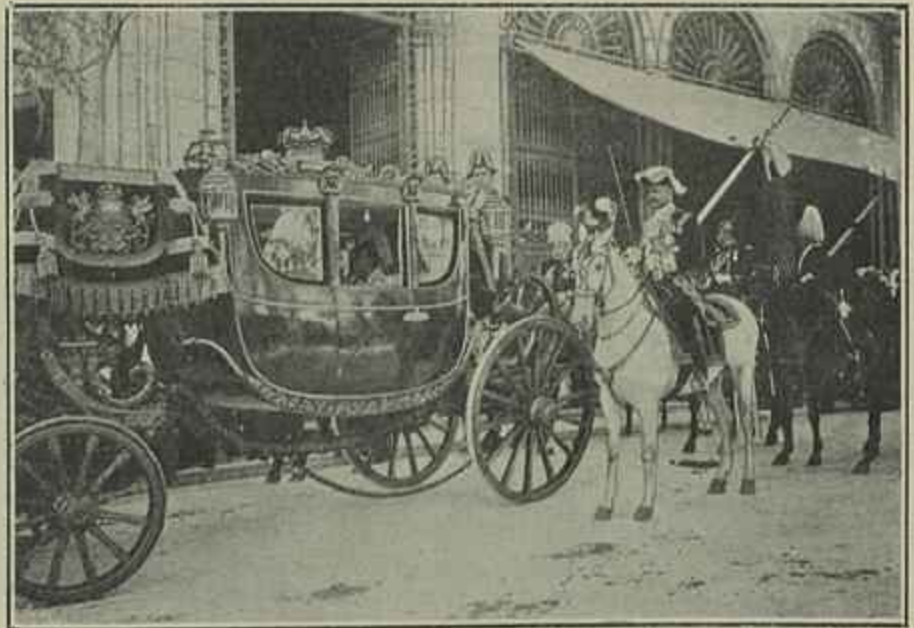
A natureza que, em Portugal, no dizer de um critico luminante, só do pintor Annuniação para cá começou a ser vista com alguma verdade, evoluçionando desde então até triunfar por completo em Silva Porto e nos seus companheiros, trouxe á arte muitos elementos caracteristicos que escapavam ao que até ahí era quasi exclusivo assumpto dos nossos artistas. A vida do campo com os seus costumes, o seu trajar ainda tradicional e tipico, e as suas figuras do interior ou da beira mar, tão cheias de caracter e reveladoras da raça, veiu dar-lhes uma mais profunda verdade e um maior conhecimento dos nossos verdadeiros elementos de constituição.

A luz, variavel com a região, a architectura dos terrenos, diferenciada de provincia para provincia, tudo isso veiu enriquecer o filão em que trabalham com coragem os que consideram o movimento artistico de hoje como um estado já relativamente brilhante, mas ainda passageiro, na nossa evolução artistica.

Dia a dia, essa pesquisa se torna mais facil com a reorganisação e augmento, embora insufficiente, do nosso Museu Nacional, do Museu de Arte In-

dustrial, e com a creação de pequenas collecções como a da Collegiada em Guimarães, da egreja de S. Roque e da Sé em Lisboa, a da Sé Velha em Coimbra, e a de Évora.

Para lastimar é que a iniciativa e protecção do Estado em materia de arte sejam ainda tão insufficientes. Sob o ponto de vista industrial, Antonio Augusto de Aguiar e Emygdio Navarro fizeram muito, mas o seu impulso não foi infelizmente sustentado como devia ser. A acção benéfica do seu largo programma é bem patente para que se possa negar. E, mesmo nas artes nobres, a influencia favoravel de alguns dos artistas estrangeiros que Navarro contractou é por demais evidente. Mas o ambito da acção governamental é sempre restrictivo, e d'isso se sente todo o nosso movimento artistico. Haja vista o que se dá nas exposições de arte, todas de iniciativa particular. Não se fazendo ahí compras officias que estimulem os artistas, a maioria d'elles, occupados com trabalhos de que carecem absolutamente para viver, abstem-se de expôr, e essas exposições, na sua quasi totalidade, são concorridas por amadores com pouco ou nenhum valor.



S. M. EL-REI D. MANUEL E S. A. O PRINCIPE REAL D. AFFONSO, NO COCHE DE GALA

O legado Valmôr, instituido pelo fallecido titular do mesmo nome, veiu trazer novos estímulos. Em Lisboa, a Academia Real de Bellas Artes reformou-se, e se essa reforma não é a ideal, é contudo a sua organisação actual muito superior á antiga. Refundiram-se os programmas e augmentaram-se os pensionatos, regulando-se melhor, ao mesmo tempo que se creavam bolsas de viagem para peregrinações de arte no paiz. Presentemente, os pensionados não limitam o seu conhecimento ao que se pôde vêr em Paris e nas outras cidades francezas. Conforme são architectos, esculptores ou pintores, fazem tambem um maior ou menor estadio em Roma e não deixam de visitar os grandes museus dos outros paizes. Com o mesmo fundo Valmôr, a Camara Municipal, segundo o parecer de uma commissão de architectos, distribue annualmente um premio á edificação mais original e bella, e algumas, reveladoras de um melhor periodo constructivo, apparecem nas novas avenidas com que Lisboa vae ampliando a sua area.

Tudo isto não será muito, mas já é alguma coisa. Já que não podemos ser Pangloss mais a miudo, não sejamos sempre Jeremias!

JOÃO PRUDÊNCIO.

O juramento de S. A. o Principe Real D. Affonso perante as côrtes portuguezas

Com todo o cerimonial, realisou-se no dia 18 de março, o juramento de S. A. o Principe Real sr. D. Affonso, como herdeiro do trôno, perante as côrtes portuguezas.

Foi acto de grande imponencia, revestido de todas as galas da côrte representada pelos gran-

des do reino, ministerio, corpo diplomatico e membros das duas casas do parlamento, com a assistencia de Sua Eminencia o Patriarca de Lisboa.

O dia foi decretado de grande gala, fechando as repartições publicas, o que fez com que muita gente concorresse ao palacio das côrtes e ruas por onde havia de passar o cortejo real, e onde as tropas da guarnição formaram alas.

Sua Magestade El Rei D. Manuel e Sua Alteza o Principe Real D. Affonso foram recebidos á porta do edificio das côrtes pelas deputações das camaras dos pares e deputados, previamente nomeadas, formando o cortejo real que deu entrada na sala do parlamento.

El-Rei occupando o trôno e tendo ao seu lado esquerdo o Principe Real, leu o discurso que o sr. presidente do conselho lhe apresentou, no qual fazia o devido elogio a Sua Alteza, que na conformidade do artigo 79.º da lei fundamental da monarchia, viñha prestar juramento como herdeiro presuntivo do trôno.

Lido este discurso, passou-se á cerimonia do juramento para o que, quatro pagens apresentaram ao sr. presidente da camara dos pares, o rico

missal de Estevam Gonçalves sobre o qual Sua Alteza jurou nos seguintes termos: «Juro manter a Religião Catolica, Apostolica, Romana, observar a constituição politica da nação portugueza e ser obediente ás leis e ao Rei.»

Terminado este acto, o sr. conde de Bertiandos proferiu uma alocução apropriada, com que terminou a cerimonia.

Quando Sua Magestade retirava da sala, uma senhora na galeria levantou um viva a El-Rei que foi logo correspondido por toda a assistencia, prolongando-se as ovações com vivo entusiasmo até á sahida do sr. D. Manuel.

A cerimonia do juramento nas côrtes, seguiu-se o *Te-Deum* na Sé, para onde sua Magestade e Alteza se dirigiram no coche de gala, acompanhados das pessoas que tinham assistido á cerimonia das côrtes, todos nas suas carruagens, formando um estenso cortejo, a que dava ainda mais luzimento a cavalaria em que se destacava o esquadrão formado pelos aspirantes da Escola do Exercito, que pela primeira vez sahii naquelle serviço real.

A noite houve recita de gala em S. Carlos, onde fôram levantados os vivas do estilo, numa calorosa manifestação de simpatia.

CENTENARIO DE ALEXANDRE HERCULANO

Estamos em pleno centenario de Herculano, centenario que se alonga de 28 de março a 28 de abril, e que o OCCIDENTE foi o primeiro a comemorar com o seu n.º 1124 de 20 de março, o qual tem tido o melhor acolhimento do publico.

A razão deste longo periodo comemorativo provém de um erro que se dá na certidão de batismo de Alexandre Herculano, em que se lê ter sido batizado, em 30 de abril, Alexandre que nas-

ceu a 28 deste mez. O erro é manifesto e explicavel por confusão do padre que lavrou o assento. Este mesmo erro se dá com o assento de batismo de quem escreve estas linhas, no qual se lê: a 10 de setembro batizei solemnemente a Caetano que nasceu a 7 deste mez. E', porém, certissimo ter nascido a 7 de agosto, dia de S. Caetano e Santo Alberto, razão por que me batisaram com estes nomes. Quantos erros assim haverá por esses cartórios paroquias, motivados por confusão ou negligencia. Eu assisti como padrinho de batismo duma creança, em que o sacristão é que tomou a lapis, num bocado de papel, as notas necessarias para o assentamento que depois seria passado ao livro pelo padre; isto se fez para aproveitar tempo, emquanto o padre não chegava. Da exatidão com que seria lavrado depois o assento, não posso eu fiar, pela circumstancia do sacristão estar um tanto embriagado e a sua caligrafia... mais embriagada ainda.

Sobre o referido erro do assentamento de batismo de Herculano, ventillou-se em tempo uma discussão pela imprensa entre os srs. Gomes de Brito e G. de Mattos Sequeira, a que o sr. D. Francisco de Noronha se refere no artigo publicado no n.º 1124 do OCCIDENTE comemorativo do centenario de Alexandre Herculano, sendo certo que nessa discussão se apurou, sem sombra de duvida, que Herculano nasceu a 28 de março de 1810.

Na exposição, agora realisada, na Camara Municipal de Lisboa, bibliografica e de autografos de Herculano, encontra-se uma carta do solitario de Herculano, dirigida ao seu amigo sr. José Manuel da Costa Basto, datada de 19 de março de 1870, em que elle escrevia: "... nove dias antes dos meus 60". Na dita exposição vê-se ainda uma auto biografia de Herculano, pela qual se reconhece que elle nasceu a 28 de março de 1810.

Entretanto, a academia da Coimbra teve duvidas sobre esta data e preferiu a de 28 de abril para fazer a sua comemoração, baseando-se, acapara para fazer a sua comemoração, baseando-se, acapara no documento official que lhe mereceu mais confiança do que as afirmações do proprio Herculano.

Tudo, porém, se conciliou. A Comissão Executiva do Centenario celebrou no dia 28 de março a comemoração com os numeros do programa destinados para esse dia, no que foi acompanhada pela comissão da cidade do Porto, que tambem ali fez a sua comemoração, assim como em outras terras do país. Coimbra celebrará tambem as suas festas lá mais para deante e assim temos um mez de centenario pelos dias do qual se irão repartindo os numeros do programa.

No dia 28 de março a comissão executiva, composta dos srs. Consiglieri Pedroso, presidente; Brito Aranha, vice-presidente; Almeida Lima e Rosendo Carvalheira, secretarios, e os, vogaes Borges Grainha, Moreira de Almeida, Reis San-Borges Gonçalves, Magalhães Lima e Sátos, Cardoso Gonçalves, Magalhães Lima e Sáto, Oliveira, foi em piedosa romaria ao mosteiro dos Jeronimos, depôr flôres no tumulo de Herculano e ouvir missa, resada na capela tumular, celebrada pelo revd.º Lourenço de Matos, capelão da Casa Pia.

A esta cerimonia associou-se a academia de Lisboa representada pela Escola Marquês de Pombal, Academia de Estudos Livres, e muitas outras pessoas que concorreram, tendo sido todos recebidos pelo provedor da Real Casa Pia, sr. conselheiro Ramada Curto, e mais funcionarios daquelle estabelecimento.

Depois da missa, os alumnos da Escola Marquês de Pombal e da Academia de Estudos Livres, formando côro, cantaram um himno, composto pelo sr. Silva Paes, sobre motivos da *Marcha Triunfal Herculano*, com a seguinte letra do sr. Rosendo Carvalheira:

Luz do sol divina e pura
Que nos dá vida e calor,
Bem hajas, fonte segura
De energia e de ventura,
De sentimento e d'amor!

No cedro d'altivo porte,
Na agreste flôr da campina,
Incide da mesma sorte
Tua acção suave e forte,
Luz do sol oh! luz divina!

E' como tu, fecundante,
A luz do talento humano,
Como tu, fulge brilhante,
N'esse traço deslumbrante
Desde Camões a Herculano!

Dois raios de luz divina,
Dois fôcos de luz immensa!
Se um na epopeia domina,

A historia o outro illumina,
Do seu génio á luz intensa.

Luz do génio ebúrnea e pura
Que nos dá vida e calor,
Bem hajas, fonte segura
De energia e de ventura,
De sentimento e d'amor.

O efeito deste canto ecoando sob aquellas abobadas foi tocante, não se ouvindo sem estremecimentos intimos, e quem poderá afirmar que as cinsas de Herculano não estremeceriam tambem áquelles vibrantes acordes soltos de tantas bôcas juvenis saudando a memoria do grande português!

Dois sessões solennes se celebraram na noite de 28, em honra de Alexandre Herculano, sendo uma na Academia Real das Ciencias e outra na Camara Municipal de Lisboa, além de outras em diferentes agremiações como a Academia de Estudos Livres, Gremio Literario, etc.

A sessão da Academia Real das Ciencias presidiu S. M. El-Rei D. Manuel acompanhado por S. A. o Principe Real D. Affonso e ministerio, assistindo o corpo diplomatico, membros das duas casas do parlamento, ministros de estado honorarios, socios e muitos convidados, enchendo-se a grande sala e galeria, dando as senhoras a nota festiva com suas *toilettes* de gala a par das luzentes fardas e crachás dos altos dignitarios.

Na sala encontravam-se em logar reservado os srs. Alfredo Bertrand, antigo presidente da Sociedade de Geografia de Genebra, e Eugéne Sirot, professor da faculdade de letras de Bordeus, o qual veio expressamente a Lisboa para assistir a esta sessão.

Era magestoso o aspeto da grande sala, iluminada a luz eléctrica, ao fundo da qual se erguia um rico espaldar de veludo vermelho com o respectivo docel do trono, tudo franjado de ouro, e sobre o estrado duas ricas poltronas douradas. A pouco mais de meio da sala e ao lado direito estavam a mesa da presidencia e a dos oradores. Em frente a estas mesas via-se, sobre um pedestal, um busto de Herculano, esculptura em mármore por Calmels, oferecida á Academia pelo sr. duque de Palmella.

O sr. presidente do conselho abriu a sessão em nome de El-Rei, e proferiu um discurso referindo-se, principalmente, á entrada de Alexandre Herculano para socio correspondente da Academia, em 1844, e ao officio que elle mandou á mesma Academia agradecendo. Sobre este officio o sr. Beirão discorre criteriosamente, exaltando o valor da obra de Herculano e o seu grande caracter que devia ser exemplo para todos os portugueses e sobre tudo nestes tempos que vão correndo.

Dada a palavra ao sr. Cristovão Aires, socio e inspetor da biblioteca da Academia, lê o estudo do sr. dr. Teixeira de Queiroz, que não compareceu por doença, o qual estudou versava sobre Herculano romancista historico, que se inspirou nas lendas do passado, que mais atrafu a sua alma de poeta.

O sr. Consiglieri Pedroso faz, em seguida, o elogio de Herculano historiador original, que assentou o seu trabalho sobre investigações proprias, e algumas alheias, mas em orientação nova, firmando pela primeira vez a historia de Portugal nas suas verdadeiras bases.

O sr. Cristovão Aires volta então a lêr o seu estudo sobre a obra poetica de Herculano, em que este afirma a sua crença pura e livre de cristão, encontrando muitos pontos de contacto com o serafico S. Francisco de Assis.

E' este o ultimo orador que discursa, encerrando-se a sessão.

A' mesma hora celebrava-se a outra sessão solenne na Camara Municipal de Lisboa, para o que estava o edificio dos Paços do Concelho decorado interna e externamente com flôres, iluminado a luz eléctrica e-gaz com grande profusão e brilho.

Presidiu o sr. Braamcamp Freire, que expoz á numerosa assistencia que o escuta o fim daquelle sessão em honra da memoria de Alexandre Herculano.

Discursam depois brilhantemente os srs. dr. Manuel de Arriaga, dr. Carneiro de Moura, dr. Cunha e Costa e Agostinho Fortes. Os seus discursos são calorosamente aplaudidos pela assembléa.

Na sala do arquivo da Camara estava patente uma exposição bibliografica das obras de Herculano e outras que diziam respeito ao egregio historiador assim como alguns autografos seus, tudo

exposto em armarios envidraçados, vendo-se tambem antigos estandartes da camara de Lisboa e da extinta camara de Belem de que Herculano foi membro. Sobre uma mesa estava o busto de Herculano, em gesso, feito pelo falecido esculptor Calmels.

A exposição foi organizada pelos srs. Anselmo Braamcamp Freire, José Manoel da Costa Basto, Gomes de Brito e Eduardo Freire de Oliveira, digno arquivista da Camara e coordenador da obra *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, de que estão publicados 16 volumes.

Na cidade do Porto foi tambem comemorado o centenario, no dia 28, por iniciativa do Atheneu Commercial.

Esta agremiação resolveu colocar uma lapide comemorativa na casa da antiga viela dos Gatos, hoje travessa de S. Sebastião, predio 63, em que Alexandre Herculano residiu, quando, naquella cidade, exerceu o cargo de segundo bibliotecario da Biblioteca Publica pelos annos de 1839.

Esta cerimonia realisou-se com solemnidade, concorrendo a ella varias coletividades do Porto, com que se organizou um numeroso cortejo que passou nas ruas da cidade muito concorridas de povo e por onde, nas janellas enfeitadas de bandeiras e colchas de seda, se viam muitas senhoras, como em dia de festa.

Chegando o cortejo á casa acima referida, descerrou a lapide, que estava velada pela bandeira nacional, o sr. dr. Correia Pacheco, pronunciando palavras de agradecimento a todos que concorreram aquelle acto e felicitando o Atheneu Commercial por sua levantada iniciativa.

A banda da guarda municipal, que ali se encontrava, assim como mais duas bandas que acompanharam o cortejo, tocaram o himno nacional.

O auto desta cerimonia foi depois assinado no Atheneu, onde á noite se realisou sessão solenne em honra de Herculano, em que varios oradores pronunciaram discursos apropriados ao acto.

Em Lisboa tem continuado a comemorar-se o centenario e no dia 4 do corrente coube á Escola Politecnica o celebrar uma sessão solenne em honra de Herculano, promovida pelos estudantes desta escola, á qual presidiu El-Rei acompanhado por S. A. o Principe D. Affonso.

A sala da aula de quimica, onde se realisou a sessão, estava lindamente decorada de flôres e arbustos, destacando-se ao fundo um grande macisso de verdura sobre que ressaía um busto de Herculano.

Parte do ministerio com o sr. presidente do conselho compareceu á sessão, assim como o director geral da instrução publica, general comandante da 1.ª divisão, presidente da camara dos deputados e deputação da Camara Municipal, professores e grande numero de mais convidados, devendo especialisar-se as senhoras que são sempre um atrativo destas solemnidades.

A tuna da escola completou a festa com a sua alegria.

O director da escola, general sr. Pina Vidal, pronunciou um discurso fazendo o elogio de Herculano e da sua obra, e agradecendo a presença de El-Rei áquella sessão, assim como a de S. A. o Principe D. Affonso.

O sr. Balthasar Osorio, professor da escola, produz um bello discurso, pondo em relevo a grandesa d'alma de Herculano que compara aos grandes heroes da nossa historia.

Falaram ainda os estudantes srs. Antonio Pinto Teixeira e Ruy Pinheiro, que agradece em nome dos seus colegas a comparencia do sr. D. Manoel.

Encerrou a sessão Sua Magestade lendo um breve discurso, em que revela a sua grande satisfação por se encontrar naquella escola, em que tambem foi estudante, e por entre estudantes se encontrar, incitando-os, por fim, a seguir os exemplos do grande português que tanto procurou engrandecer a sua patria, a patria de nós todos.

Foi uma sessão imponente não menos importante do que a realisada na Academia Real das Ciencias.

Segue-se agora uma serie de conferencias sobre Herculano e a sua obra, na Sociedade de Geografia de Lisboa, a primeira das quaes se realisou no dia 5, sendo conferente o sr. dr. Reis Santos. A sua conferencia é um bello estudo em que demonstra a refôrma que Herculano pretendia realisar na sociedade portuguesa, inspirado



EXERCÍCIO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA DO EXERCÍTO QUE FORMARAM O ESQUADRÃO, QUE PELA PRIMEIRA VEZ SAHIU NO CORTEJO REAL.

pelo que observara no estrangeiro, durante o tempo em que se ausentou de Portugal, e quanto elle foi incompreendido por essa sociedade, resolvendo então retirar-se á vida particular exilando-se em Vale de Lobos.

E' facto que Alexandre Herculano ainda hoje não é comprehendido e menos sufficientemente conhecido pelo povo, a maior parte do qual não o leu.

Eis porque convem dar a maior latitude a estas conferencias e seria de grande utilidade popularisar as obras de Herculano em edições baratas. Esta seria a maior comemoração a fazer para honrar a memoria de Herculano, quanto é certo o pouco entusiasmo que o seu centenario tem despertado, preparado quasi á ultima hora, sem unidade e plano conducente a um fim verdadeiramente patriótico e grandioso, como patriota e grande foi o egregio historiador.

Em Inglaterra, por exemplo, desde 1905 que se está preparando o tricentenario de Shakespeare que passa em 1916. Isto é em Inglaterra país essencialmente culto e onde não haverá um inglês que não conheça a obra do seu grande autor e actor.

Calcule-se a importancia que assumirá essa comemoração e quão apoucada é a que em Portugal se está fazendo ao maior português do seculo que findou.

C. A.

Teatro da Trindade «A Moira de Silves»



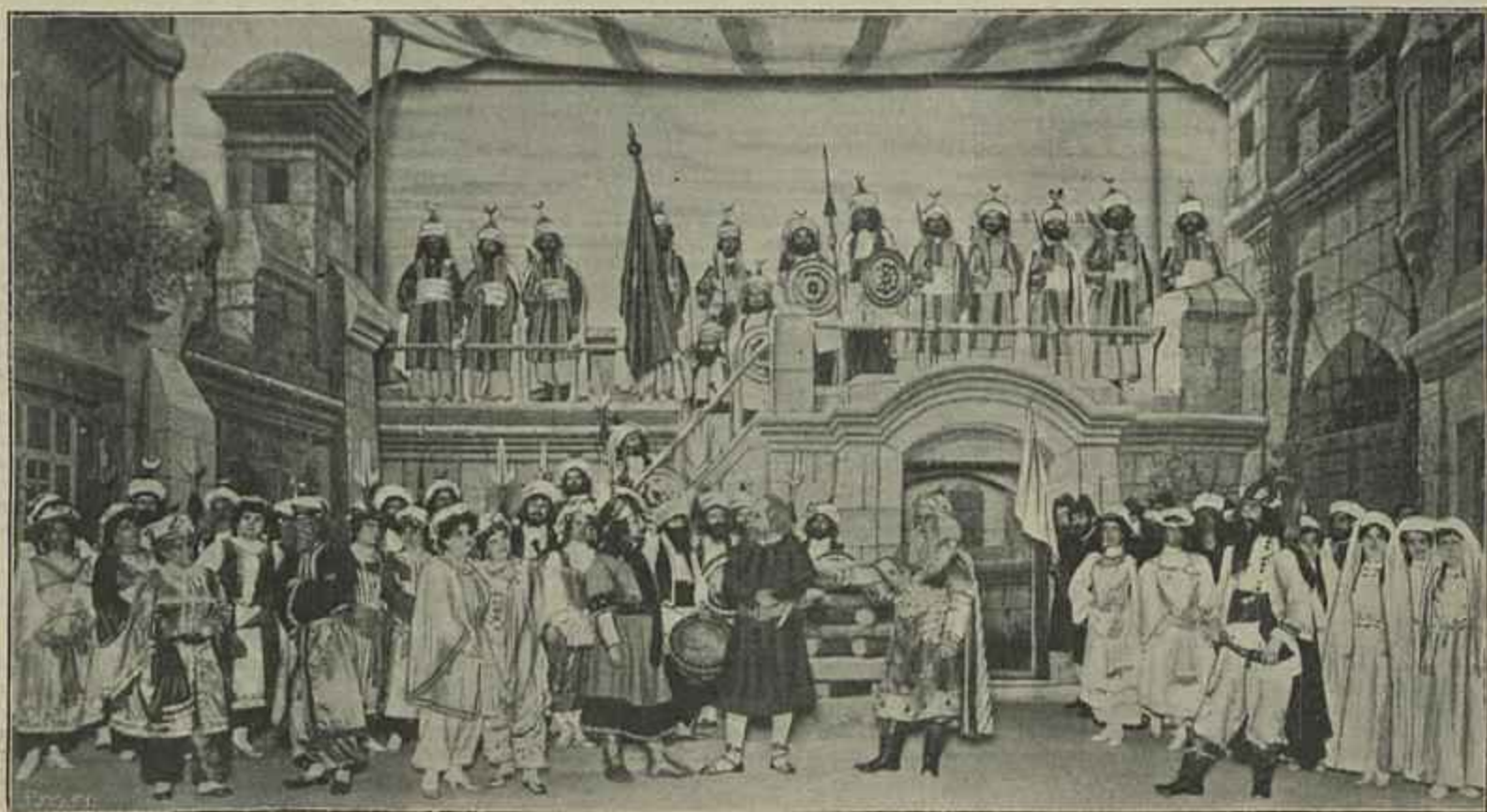
LORJÔ TAVARES

Vae em vinte annos que esta linda opereta appareceu pela primeira vez no teatro da Trindade, alcançando um exito que lhe assegurou a conservação na cena por muitas noites, que foram noites de triumpho para seus autores, Lorjô Tavares, autor da libreto, e João Guerreiro da Costa, o malogrado maestro que compoz a musica, e não chegou a ouvir-a em cena, por ter morrido permaturamente tres dias antes da sua opera ser cantada.

Uma opereta portugueza, na letra e na musica, era um acontecimento artistico pouco vulgar e menos vulgar ainda o agradar em toda a linha, como aconteceu á *Moira de Silves*.

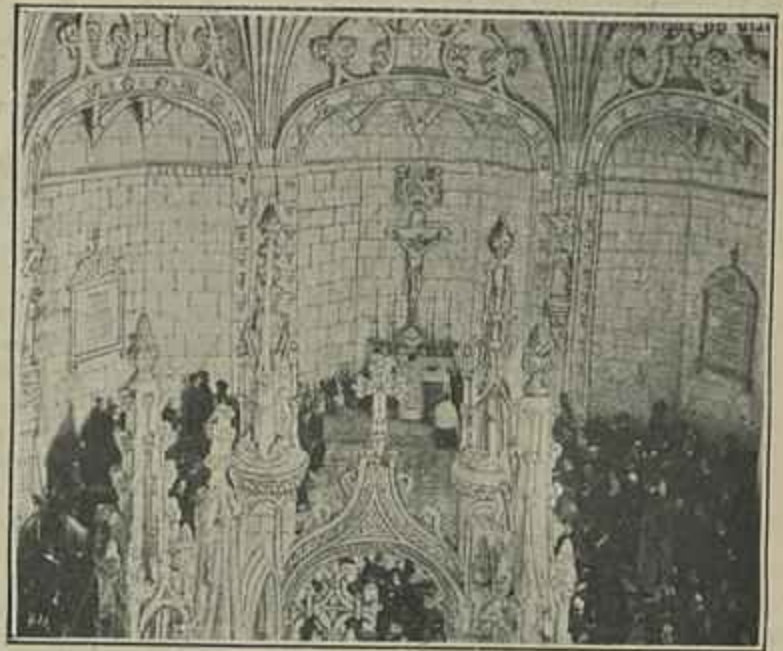
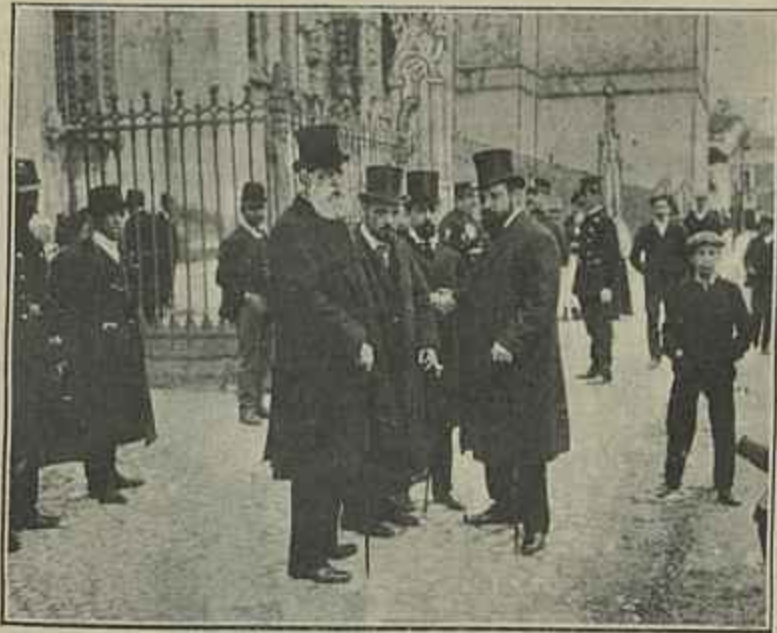
O libreto, baseado numa lenda algarvia, superiormente escrito por Lorjô Tavares, elegante escritor e nosso presado colega do *Brasil Portugal*, reunia as condições cenicis da acção dramatica entremeadas da comica, dando á obra teatral todo o atractivo que o publico exige, realçada por uma bella partitura que mais parecia de um mestre consumado do que a primeira tentativa de um compositor ignorado.

Alguns artistas que então desempenharam as primeiras partes desta opereta, desapareceram da cena, uns por que deixaram o teatro, como

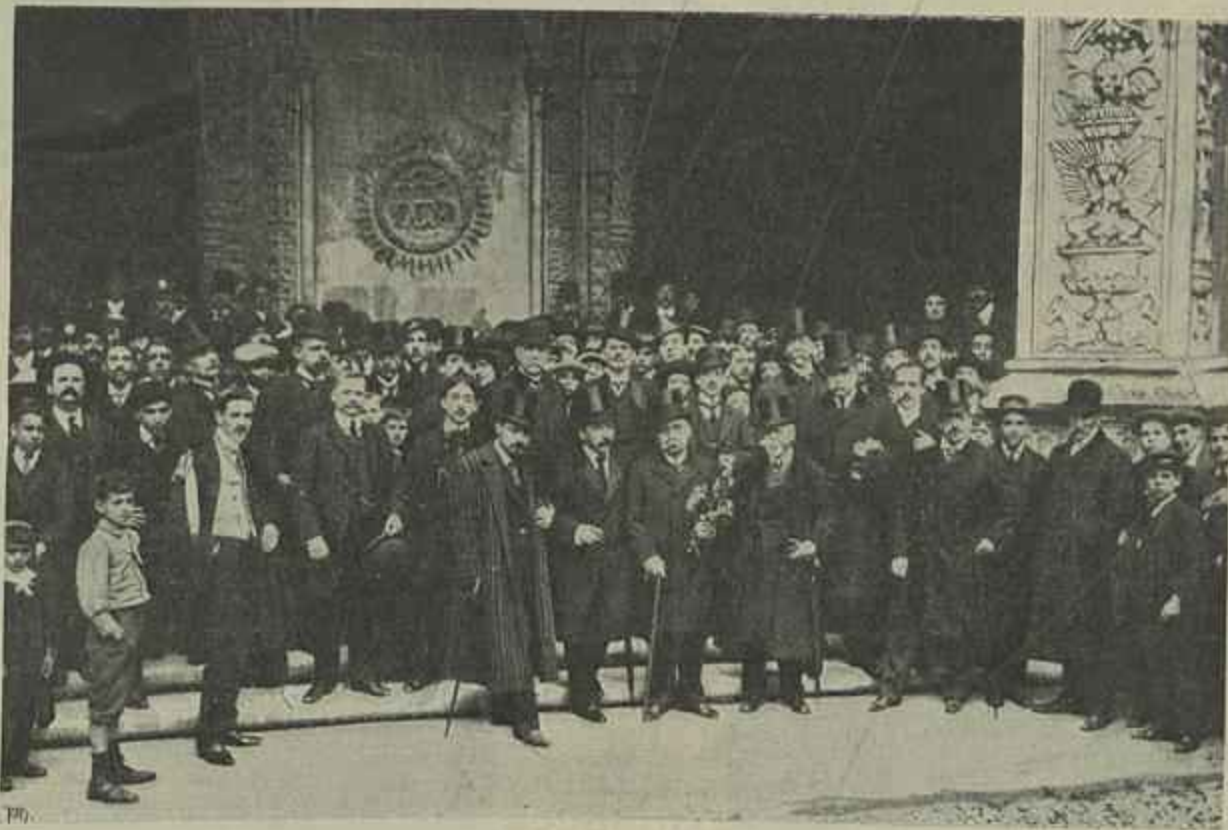


CENA FINAL DO ULTIMO ACTO DA «MOIRA DE SILVES»

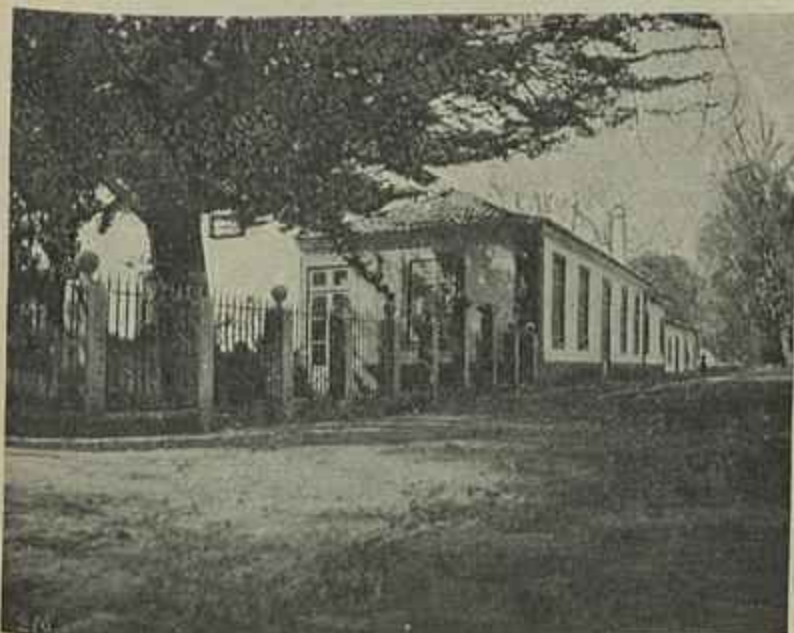
Centenario de Alexandre Herculano



MEMBROS DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA CHEGANDO AO MOSTEIRO DOS JERONIMOS—A MISSA NA CAPELA TUMULAR, NO MOSTEIRO DOS JERONIMOS



NO MOSTEIRO DOS JERONIMOS—A COMISSAO EXECUTIVA DO CENTENARIO



VALE DE LOBOS—CASA ONDE FALCEU ALEXANDRE HERCULANO—O LAGAR DE AZEITE MANDADO CONSTRUIR NA QUINTA, POR ALEXANDRE HERCULANO

Queiroz, outros no tumulo, como Augusto, Portugal e Leoní que a ensaiou admiravelmente.

Resurge agora a *Móira de Silves*, no mesmo palco em que foi então representada, e resurge com os mesmos atractivos que lhe deram a aura popular.

O desempenho, por parte dos artistas que entram agora na peça, é excelente, e está ensaiada e posta em cena por Affonso Taveira, o intelligente empresario, dando-lhe o maior brilho de um espectáculo realmente bello.

O publico tem enchido, em noites sucessivas, a plateia do teatro, aplaudindo a bella opereta portugueza, essa soberba afirmação de dramaturgo de Lorjô Tavares, que felicitamos pelo seu novo triumpho.



A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1125)

«Maio, 14.— Já estamos ha três dias n'este refugio, e Clair-de-Lune, que vem ver-me todos os dias, não me traz noticias de Jasper.

«— Está lá para os montes — diz. — Se tivesse bastantes provisões, poderia passar ali toda a época do somno.

«Meu marido sabe onde elle está mas não me diz nada a tal respeito. Hontem, ao pôr do sol, subi á galeria do recife d'onde se avista toda a ilha, e distingui perfeitamente a neve que a cobre.

«E' terrível angustia saber que as pessoas que estimo, estão ali soffrendo, quasi á morte. Não posso impedir que as demais vejam em meus olhos o que se passa em minh'alma, e elles revelam tudo.

«Meu marido já me disse:

«— Os teus amigos terão muita sorte se puderem tornar outra vez á ilha de Ken.

«Não lhe respondi. Não tornarei a responder quando me fale.

«Maio, 15.— Hontem á noite desencadeou-se um grande temporal sobre a ilha, e todos subimos á galeria, para ver os relampagos e os raios caindo das alturas e correndo como rios de fogo, por entre as nuvens escuras. Nunca me esquecerei d'uma noite tão terrível! Havia momentos em que parecia que o céu se incendiava. Via-se perfeitamente, até ao meio do bosque, onde os infelizes andavam correndo de um lado para o outro, procurando um refugio onde se podessem abrigar do fogo. Disseram-me hoje que o bungalow se incendiou. Não sei se o lastime ou se me regosije. Só penso nos meus amigos. Penso em Jasper, penso n'elle a todos os momentos.

«Maio, 16.— Já sei que um estranho se recolheu no bungalow, um tal Duncan Gray, de S. Francisco. Desembarcou a semana passada com Edmundo e veio para fazer uns estudos scientificos. Meu marido disse-me que embirra com elle, mas comtudo permittiu-lhe que viesse. Estava no bungalow fazendo experiencias, quando um raio caiu sobre a casa e a destruiu toda. E' provavel que tenha perecido nas chammas. Meu marido contou-me isto com grande satisfação. Mas... e Jasper? Que será feito d'elle?

«Maio, 16 (á noite). — Esta noite, quando passava pela sala grande da casa submarina, occorreu uma coisa que me fez gelar o sangue. Julguei ter ouvido um ruido na sombra, e pensando que seria algum dos criados, perguntei:

«— Quem está ahí?

«Ninguém me respondeu, ainda mais me

assustei e estava já para deitar a correr, quando me senti agarrada e, voltando-me rapidamente, encontrei-me cara a cara com Jasper, que, segundo me disse, vinha para me salvar.

XVI

A porta de ferro

O nosso espirito desasosegado não nos deixára perceber que o doutor se encontrava ferido gravemente, de maneira que o cair-nos aos pés desmaiado, foi para nós um ponto de admiração.

Formavamos n'esta occasião um grupo de embasbacados, em volta do doutor, sem saber como lhe acudir e unicamente alumados pela luz da lanterna que continuava ardendo.

Dolly Venn, que antes de seguir a vida do mar, tinha sido ajudante de enfermeiro, conservava o sangue frio necessario n'estas alturas, e começou logo a fazer um reconhecimento em fórma.

N'um minuto poz a descoberto a ferida e mostrou-nos não só a grande ventosa do polvo adherida á pelle arrancada, como tambem um golpe feito com a propria faca, na occasião de cortar o tentaculo do monstro.

— Mr. Seth Barker, approxime a lanterna, faça favor — pediu elle ao carpinteiro com a mesma tranquillidade com que faria um verdadeiro medico. — Se se pudesse arranjar um pedaço de trapo molhado em agua, é que era bom.

— Espera — disse eu, e molhei rapidamente parte do lenço na agua que havia no meu frasco, entregando-o depois a Dolly.

— Bello, — respondeu satisfeito, — já não falta tudo. Agora Mr. Bligh, empreste cá a sua navalha e uma tira da camisa para fazer de ligadura.

Peter rasgou logo a camisa e satisfez o pedido de Venn, dizendo:

— Não me parece que se possa encontrar n'esta ilha, melhor linho do que este. Aqui tens e que te faça bom proveito. Que mais desejas?

— Que se cale, que esteja quieto com a luz e que sustenha a perna do doutor enquanto opêro. São três coisas faceis de fazer, querendo.

(Continua).

RICARDO DE SOUZA.



Trindades

por

D. Maria da Cunha

Chegamos talvez tarde, para transmitir a nossos leitores o aparecimento de um notabilissimo livro — *Trindades*, pela sr.^a D. Maria da Cunha.

Quem primeiro reconheceu e preconizou calorosamente os méritos desta obra foram os srs. conde de Monsaraz e Julio Dantas, que, sem conhecerem a autora, e sendo-lhes apresentados os versos della, antes de publicados, unanimemente subscreveram o mais elogioso apreço da obra, em documentos preambulares, que acompanham o livro.

Publicado este, a imprensa periodica e os escriptores mais entendidos no assunto, renderam á autora as mais espontaneas e mais merecidas homenagens.

Não se limitaram a Portugal estas manifestações do mais entusiastico acolhimento, pois que o Brasil, pela voz autorizada dos publicistas, se associou ao acolhimento que a obra teve entre nós. Basta referir que o mais considerado critico

brasileiro, sr. José Verissimo, espontaneamente confessou o *extraordinario* talento poético da sr.^a D. Maria da Cunha.

Com effeito, e embora a poesia tenha sido tão mal tratada entre nós, que o publico já está precavido contra as faceis e menos justificadas recommendações de poetas novos, é certo que as *Trindades* não podem nem devem confundir-se com a maioria das mais aplaudidas publicações deste género: elevam-se tanto, acima de quasi tudo que modernamente se tem publicado em verso, que não haverá exaggeração em lhe chamarmos livro modelar, irrepreensivel, em que podem tomar lições muitos dos nossos mais distinctos poetas.



D. MARIA DA CUNHA.

A sua linguagem é da maior pureza e vernaculidade; e o sentimento, a delicadeza e a elevação dos conceitos, a harmonia e a riqueza de imaginação, fazem das *Trindades* um livro excepcional, para que seriam escassas as nossas mais rendidas homenagens.

Ha no livro sonetos como este:

O Infante de Sagres

(QUADRO DE MALHÔA)

No côncavo da rocha o Infante cisma, e crava
Ao longe, no horizon, o olhar perscrutador;
O largo oceano em volta amansa a fúria brava,
Como um leão domado aos pés do domador.

Embebe-se num sonho altivo e refulgente:
Surge do Mar da Noite o Atlântico da luz...
As quinas tremulando ao vivo sol do Oriente...
Em terra de infelizes a redentora cruz...

Hão de partir em breve ousadas caravelas;
Há de guiar seu leme, e enfunar-lhes as velas,
Da sua funda crença o sópro genial!...

E' nisto que êle cisma, e nem sequer duvida
Que a frota há-de voltar... A gente é destemida,
Grandes almas de heróis, filhos de Portugal!

Na sr.^a D. Maria da Cunha saudamos convictamente a mais brilhante representação feminina da moderna poesia portugueza.



O Natal das Creanças — *Contos seleccionados*, por Henrique Marques Junior, com uma cartaprefacio por Maria Pinto Figueirinhas. Livraria Central de Gomes de Carvalho, Lisboa, 1910.

Vimos tarde para dar noticia deste livrinho, que sahio a lume pelo Natal, mas rasões superiores á nossa vontade não permitiram que fosse mais cedo. O *Natal das Creanças*, porém, não precisa recommendal-o ao publico, desde que se

saiba que é composto de lindos contos, alguns de Alexandre Dumas, Emile de Girardin, Leão Tolstói, Eduardo Laboulaye, etc. Tanto basta para ser procurado nas livrarias, onde a estas horas poucos ou nenhuns exemplares existirão.

Biblioteca da Infancia — *Coleção ilustrada de leituras educativas*, sobre a direcção literaria de Victor Ribeiro, da Academia Real das Ciencias. Alfredo David, editor, Lisboa.

Temos sobre a nossa mesa mais dois volumes desta biblioteca, por tantos motivos recommendavel, como de boa e sã leitura e educação para a infancia. O primeiro desses volumes é: *A vida dos animaes no Paiz do Leão, costumes e caçadas*. Interessante monografia do rei dos desertos, seguida da descrição das caçadas feitas por Julio Gérard, o matador de leões, que ha mais de quarenta annos lêmos e ilustrámos com desenhos, que neste livro vêmos reproduzidos, e que foi um acontecimento literario daquelles tempos como obra de valor. O segundo livro: *Narrativas e Lendas da Historia Patria D. João I o rei eleito do povo*. É a historia resumida do fundador da dinastia de Aviz, do rei, acaso, mais popular, que em Aljubarrota melhor firmou a coroa de Portugal e a autonomia da patria portugueza e numa serie ininterrupta de prodigios de valôr chegou até Ceuta, onde seus filhos combateram tambem, esses filhos que foram gloria de Portugal. Contar ás creanças a historia destes heroes encendrados no santo e grande amor da patria, é bem formar-lhe o espirito e o coração, para que saibam que os homens é que fazem as nações grandes e respeitadas por suas virtudes civicas se elles possuirem essas virtudes, de contrario não ha imperio que resista á degradação dos costumes, e a historia de todos os tempos o confirma.

A leitura destes exemplos que a historia nos aponta, é hoje mais necessaria do que nunca se queremos preparar uma geração que levante a nossa patria do abatimento em que se encontra. Não descansaremos de recomendar as boas leituras aos novos, e estas da *Biblioteca da Infancia* fornecem um bom contingente.

Estes livrinhos são um dos melhores premios a dar nas escolas e que seria de grande proveito para os premiados.

NOTAS LYRICAS

Colyseu dos Recreios

É sempre bem recebida pelo publico a vinda de uma companhia lyrica para este theatro. Os preços verdadeiramente modicos dão logar ás classes pobres poderem ouvir boa musica e assim obterem uma certa educação musical. Até á data de escrever estas linhas teem-se cantado as seguinte operas: *Aida*, opera de estreia da companhia, *Boheme*, *Hernani*, *Tosca* e *Carmen*.

A companhia possui artistas apreciaveis, formando todos elles um conjuncto bastante equilibrado, e as operas estão bem postas em scena o que honra a boa vontade do nosso amigo o sr. commendador Antonio Santos.

A soprano Albertini, é uma artista formosa e de voz bem timbrada; tanto na *Aida*, como na *Tosca* obteve frequentes applausos.

A meio soprano Galan, é uma cantora que conhece bem a scena e sabe o que faz. Possui boas notas graves, e tem escola. Na parte de *Anneris* da *Aida*, e na *Carmen*, a sr.^a Galan comprovou o que acabamos de expôr.

A nossa conhecida cantora Acêña, é sempre artista correcta; na *Mosetta* da *Boheme* e na *Michaëla* da *Carmen*, foi sempre applaudido o seu trabalho.

A cantora Grau, que fez a sua estreia no *Hernani* e que depois cantou a *Aida*, é uma artista de bonita voz e de facil emissão. A sr.^a Grau deve estudar, pois que terá um bello futuro.

Enquanto a tenores poremos em primeiro lugar o sr. Mulleras rapaz intelligente; na *Tosca* e *Boheme* alcançou muitos applausos. O tenor Farnadas, que fez a sua estreia na *Carmen*, tem boa voz, é artista e se estudar conseguirá alguma coisa. Não detalha mal a phrase, ouvindo-se com um certo agrado.

O tenor Mauro na *Aida* e no *Hernani* fez se applaudir.

O barytono Molina é cantor intelligente, e o Gueri artista de boa voz, como provou na *Aida*, *Tosca* e *Boheme*.

Os restantes cantores regulares.

A. P. S.



Uma recita de caridade no Real Teatro de S. Carlos

Da «Sinos de Corneville» pelas educandas do Asilo de Santo Antonio

Assistimos com prazer, no domingo 3 do corrente, a uma recita de caridade, em beneficio do Asilo de Santo Antonio, na nossa primeira cena lyrica, e onde se demonstrou que, entre as asiladas ha facultades verdadeiramente notaveis, sob o ponto de vista artistico.

É mister citarmos que o trabalho apresentado pelas educandas foi, na sua maioria, devido á paciencia de que o ensaiador sr. Henrique Alves, se apoderou para conseguir um conjunto tão harmonico como aquelle que as alumnas do Asilo de Santo Antonio imprimiram ao desempenho da difficulosa opereta de Planquette.

Espirito incansavel, homem empreendedor, intelligencia manifesta, o sr. Henrique Alves deu mais do que uma prova de sua eximia habilidade na arte de ensaiar, e entre os amadores do genero, creio que nenhum o excederá.

Facil é ensaiar duas ou tres comedias pequenas para um espectáculo, a quem não tem por habito fazel-o, mas apurar o desempenho de uma opereta com os entraves que se deparam a cada momento, nos *Sinos de Corneville*, é tarefa bastante ardua, de que a maioria dos ensaiadores amadores se não saliriam com gloria. Pois Henrique Alves foi mais além do que o *desiderantium*. Ensaïou e poz em cena com tal primor, que dir-se-lia um artista consumado na arte.

O maestro Mantua teve lauta parte no quinhão de gloria, ensaiando a parte musical da difficil partitura com um esmero e arte dignos de men-

Uma recita de Caridade no Real Teatro de S. Carlos



ROSALINA (Laura Fernandes)



MARQUÊS DE CORNEVILLE (Sofia Gouveia)



GASPAR (Adelina de Asevedo)



NICOLAU (Julieta Pitté)

ção, mostrando-se os coros, na realidade afinados e cheios de entoação, sendo apenas para lamentar que tivesse dado um andamento tão lento, em alguns trechos.

Tratemos agora do desempenho. Em primeiro lugar, devemos citar Julieta Pitté, na parte de Nicolau, que foi primorosa quer como artista, quer como cantora, e que já na parte de *Cornelio Gil*, da *Grã Duquesa*, mostrara o seu alto valor artístico. A romanza do 1.º acto, disse-a como poucas vezes temos ouvido, nos nossos teatros de opereta. Sua voz apresenta bom volume e extensão, timbre que nos encanta, e mos-

trou ter uma intuição na realidade notável. No desempenho da personagem mostrou-se artista graciosa, fina e agil para o que também concorre o seu fisico insinuante.

Laura Fernandes, um rosto encantador e uma fisionomia expressiva, foi uma *Rosalina* ladina que deu muita vivacidade ao canto e á personagem, acentuando a frase com malícia. Pôde vir a ser uma excelente artista de opereta, se tentar abordar o teatro.

Soffia Gouveia foi um *Marquês de Corneville* de porte distinto e soube dar á parte o colorido devido.

Alda de Almeida, um *Bailho* muito comico, e Gloria uma *Germana* apreciavel, a que imprimiu um tom de ingenuidade digno de apreço.

Resta-nos ainda falar de Adelina de Asevedo, que não sossobrou perante as dificuldades poderosas do papel de *Gaspar* e salientou-se notavelmente na cena da avareza.

Em resumo, foi uma noite bem passada e que deveria ser proficua ao estabelecimento de caridade, pois o teatro tinha uma enchente, e as despesas, devido á amabilidade do empresario, sr. Mimon Anahory, foram minimas.

A. M.

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funcções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso
6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

23 a 173 francos por semana. podem ganhar, senhoras homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Carvès — Grand Montrouge (Seine) France.

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Auctorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)